# Carta sobre mortes de trabalhadores da construção das instalações das Olimpíadas do Rio de Janeiro entre 2013 e 2016

Homenageamos hoje os 11 trabalhadores que perderam suas vidas até o momento na construção de instalações para a realização das Olimpíadas no Rio de Janeiro em 2016.

1.       Alexandre Ferreira – 19-2-2015: desmoronamento no Consórcio Subida da Serra

2.       Gerson de Souza – 4/11/2015 aprisionamento de crânio em caminhão do Consórcio Metrô Zona Sul

3.       Abrahão Gonçalves de Almeida – 31/5/2014: chicoteamento de mangueira de ar comprimido no Consórcio Metrô Zona Sul

4.       Eliveuto Viana de Cristo – 18/7/2014: queda de andaime no Museu da imagem e do Som

5.       Stanley Meireles Lima  - 18/1/2015: choque elétrico com queda no Museu do Amanhã

6.       Edmar Ferreira de Souza – 8/1/2015: capotamento de veículo no Consórcio Joá

7.       Pedro Fernandes Guimarães – 24/5/2016: esmagamento de crânio em canteiro de obra

8.       Antonio Carlos dos Santos18/9/2015: soterramento na EIT (contratada da CEDAE)

9.       Venilton Santiago da Silva – 27/06/2014: choque elétrico na RLP

10.   Kleiton Phillipe Magalhães de Assis – 23/12/2015 (?)choque elétrico na Supervia

11.   Thiago Real Rubens – 16/3/2016: Esmagamento por caminhão na Transolímpica

E por acidentes graves:

1.       Amputação de perna no Consórcio Transbrasil

2.       Choque elétrico no Parque Olímpico

3.       Queda de altura (trabalhador ficou tetraplégico) na Vila dos Atletas

Para eles e suas famílias ainda vivendo sob o impacto tremendo da sua perda, neste momento, dedicamos nossa solidariedade, nossa consternação e nosso compromisso militante como trabalhadores e instituições comprometidas com a saúde dos trabalhadores.

Aos demais trabalhadores que tiveram suas vidas afetadas e ficaram definitivamente incapacitados para o trabalho, vítimas de acidentes graves ocorridos nas instalações olímpicas e que sequer foram reconhecidos e contabilizados, manifestamos nosso apoio e solidariedade.

Os trabalhadores foram mortos por causa de processos de trabalho organizados sem o devido planejamento e a técnica de engenharia e do processo de trabalho indispensáveis para a garantir minimamente a vida e a saúde.

Os homens e mulheres que criam com suas mãos aquilo que é parte do encantamento desse evento realizam suas tarefas pressionados por jornadas de trabalho estendidas e extenuantes com o resultado óbvio de facilitar a ocorrência de acidentes, lesões, danos de todo tipo e mortes

Certamente, essas ocorrências dramáticas não foram produtos do acaso, nem são uma fatalidade inevitável. As obras para as Olimpíadas de Londres, por exemplo, foram concluídas sem registro de mortes. A CONTRICON (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria da Construção e do Mobiliário) denunciou recentemente a contratação apressada de trabalhadores, a falta de treinamento e a alta rotatividade nos canteiros das construções. Entretanto, como destacou o Senador Ataídes de Oliveira, o Sistema S arrecadou 15 bilhões de reais para a tarefa de qualificar a mão de obra, mas não demonstra onde foram aplicados esses recursos.

Pesquisas no campo da Saúde Pública e da Saúde do Trabalhador chamam a atenção para as condições danosas à saúde dos trabalhadores da construção civil. Apenas quatro em cada dez trabalhadores do setor tem carteira assinada. Além disso, a terceirização tem mostrado uma face perversa de precarização do trabalho, causando uma maior intensidade na exploração, submetendo os trabalhadores a maiores jornadas e salários menores, e condições muito mais agressivas à sua saúde. Com isso, a terceirização reduz a proteção social e à saúde dos trabalhadores. O Senador Paulo Paim apontou em audiência pública da Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH) do Senado (2013) para cada dez acidentes, oito são com terceirizados.

Na construção civil, o trabalho é realizado sob elevada pressão de prazos e metas, programadas de modo imprudente e em desacordo com a capacidade da engenharia nacional, em descompasso com nossa legislação e com as normas técnicas. O auditor fiscal Francisco Luiz Lima, do Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais do Trabalho demonstra que nos canteiros de obra, essa pressão sobre o trabalhador se verifica pela redução do tempo para construção do metro quadrado, que em 1995 era de 42 horas e hoje foi reduzido para 36 horas.

A procuradora do Trabalho Ana Lúcia Barranco indica três vetores causais das altas estatísticas de acidente no país, atualmente: a precarização das relações de trabalho por meio da terceirização da mão de obra; a falta de investimentos em prevenção; a falta de políticas públicas.

A construção civil é o segundo segmento da nossa economia com maior número e proporção de lesões decorrentes do trabalho, após o setor de transportes. Esses números se mantém estáveis, tanto em períodos de crescimento quanto em descenso da economia. No período de construção das obras olímpicas, foram emitidos 1.675 autos de infração em 260 ações da equipe de fiscalização do Ministério do Trabalho. Em 39 ocasiões, as construções foram embargadas.

O contratante primário dessas obras, a Prefeitura do Rio de Janeiro, alegou que algumas das obras onde ocorreram os acidentes “não são obras das Olimpíadas, mas apenas inspiradas por elas” Como se isso fosse razão para o poder público isentar-se da sua responsabilidade pelas mortes dos 11 trabalhadores na construção das obras olímpicas. Pela legislação vigente, o contratante primário (no caso, a Prefeitura) é corresponsável pelas obras em moldes seguros, bem como pelo cumprimento de todas as leis aplicáveis à saúde do trabalhador, reparos e compensações consequentes por falhas ou omissões das empresas contratadas.

As ciências que se dedicam ao estudo do trabalho, os técnicos e legisladores, os fiscais e os que regulam a atividade produtiva, os serviços de saúde, as sociedades profissionais e outras entidades, reconhecem de longa data que os acidentes de trabalho graves e fatais se repetem, muitas vezes sob padrões conhecidos e evitáveis: pressão do tempo que induz ao erro, administração inadequada de equipamentos e instalações. Portanto, a prevenção de acidentes e de agravos na construção civil, assim como em outros segmentos, devem considerar questões relativas ao cronograma de execução e ao número de trabalhadores designado para realizar cada tarefa.

O custo irreparável dos acidentes de trabalho mais terríveis é pago pelas famílias, colegas e amigos das vítimas. Outra parte do custo é paga pela sociedade e pelo Estado. O prejuízo é socializado. A organização e controle da produção pertencem aos empregadores, que geralmente excluem os trabalhadores nas decisões sobre os processos de trabalho. Entretanto, os efeitos daninhos dessa exclusão recaem sobre a sociedade. Os serviços de saúde e seguridade social, assim como corpo de bombeiros, judiciário, sindicatos, são mobilizados em diversos momentos em torno dos acidentes de trabalho, com custos bastante elevados, que em grande parte não são reembolsados pelas empresas. Apesar das empresas declararem que oferecem todo apoio, nem sempre as vítimas e seus familiares recebem o necessário.

As lições não são aprendidas. Os consórcios responsáveis por estes grandes empreendimentos ignoram esses aspectos em nome da obtenção dos excedentes financeiros das suas atividades econômicas. Eles terão que ser compelidos pela exigência da sociedade, através do controle do Estado, para garantir que a economia sirva ao homem, e não ao contrário. Os valores éticos e morais que são exigidos pelos trabalhadores e pela maioria da nação brasileira, não são aqueles aplicados nas obras da construção civil pesada

O mesmo ato que prepara um evento que representa um dos momentos mais importantes da humanidade, pode significar para o trabalhador a perda irrecuperável de sua própria vida.

Todas as grandes obras em nosso país como Ponte Rio Niterói, Usina de Itaipu, Usina de Belo Monte, estádios para a Copa do Mundo, resultaram em um custo altíssimo em vidas humanas e uma longa trajetória de tragédias, pouco divulgadas pelos canais de comunicação. O cimento dessas megaconstruções é endurecido com trabalhadores nele.

O poeta Bertold Brecht resumiu com suas palavras candentes:

Quem construiu a Tebas de sete portas?
Nos livros estão nomes de reis:
Arrastaram eles os blocos de pedra?

E a Babilônia várias vezes destruída
Quem a reconstruiu tantas vezes?

Em que casas da Lima dourada moravam os construtores?
Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da China ficou pronta?

A grande Roma está cheia de arcos do triunfo:
Quem os ergueu?
Sobre quem triunfaram os Césares?

A decantada Bizâncio
Tinha somente palácios para os seus habitantes?

Mesmo na lendária Atlântida
Os que se afogavam
gritaram por seus escravos
Na noite em que o mar a tragou?

O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Sozinho?

César bateu os gauleses.
Não levava sequer um cozinheiro?

Filipe da Espanha chorou,
quando sua Armada naufragou.
Ninguém mais chorou?

Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.
Quem venceu além dele?
Cada página uma vitória.
Quem cozinhava o banquete?

A cada dez anos um grande Homem.
Quem pagava a conta?

Tantas histórias.
Tantas questões.